

Nele encontraram, por certo, aquilo que procuravam. Mas a cultura, a envergadura e as convicções de Kazantzakis não podiam limitar-se a uma expressão restrita ou sectária. Sem dúvida, a admiração que tinha — e toda a vida teve — por Lenine facilitou-lhe a empresa. Mas terão os jovens comunistas de Berlim compreendido bem de onde vinha essa admiração, e até que ponto ela ultrapassava a deles? Para Kazantzakis, Lenine não era somente o chefe de uma insurreição ou de uma nova tentativa social; era o *revolucionário*, ou seja, o signo de um turbilhão interno inerente à evolução criadora do homem e da História. Nada podia comover mais a esse homem que não aceitava as aparências nem as premissas, fossem elas de caráter religioso, social ou moral. Visto através deste prisma, Lenine tornava-se um dos raros homens da História, tal como Maomé e Nietzsche, a rasgar mais um dos pesados envoltórios do homem, uma das máscaras que lhe ocultavam Deus, a libertar mais uma pequena parcela de Deus. Na verdade, o problema permanecia intacto, e Kazantzakis tinha consciência disto. Caía a máscara, e logo era substituída por outra, ora mais cruel, ora mais conciliativa. Mas um esforço imenso havia começado, e isso é que importava.

Ao chegar a Berlim, Kazantzakis estava ainda em plena fase budista. Lenine e Buda: pode-se imaginar oposição mais inconciliável num mesmo espírito? Tal conflito estimulou Kazantzakis a concentrar todas as suas forças em cada uma das suas experiências anteriores: Nietzsche, Bergson, Buda, os místicos alemães, Cristo; há anos que ele os trazia em si, sobrepondo-os, unindo-os, extraindo de seus pontos de contato uma essência que, no seu coração, era Deus. O conflito mais acentuado, quanto à sua

X própria existência, continuava a ser o da escolha entre a meditação e a ação: *Ascese* é, afinal de contas, uma tentativa desesperada de conciliação entre mil antinomias, entre as quais havia esta.

O mal-entendido que este conflito representa é de importância capital na própria gênese da obra de Kazantzakis (e de *Ascese*, em particular), pois se situa na encruzilhada de todas as influências e de todas as disciplinas do escritor: trata-se nada menos do conflito, que ele tentava resolver, entre o pensamento grego e o pensamento bíblico. Talvez não seja inútil examinar os dados do problema e a maneira pela qual Kazantzakis os relacionou ao cristianismo e a um marxismo ideal,

O germe da antinomia está no fato de apresentar dois conceitos de criação radicalmente opostos. No pensamento grego, de Platão aos platônicos e neoplatônicos, a criação não passa de uma dispersão dentro da multiplicidade, uma desintegração, e por conseqüência uma *queda* em si. Daí decorre que a alma é nitidamente distinta do corpo, e que não resta ao homem, como meio para sair desse estado de pecado inevitável e de castigo implícito, senão reencontrar a sua unidade, a fim de voltar a Deus, ao Uno; só pode fazê-lo por imitação (*mimese*), pois não passa de uma sombra destacada, separada. Trata-se de participar de um mundo sensível, de certo modo como reflexo, e não como elemento ativo e criador. O homem não possui nenhuma qualidade divina, pois ele não é senão uma migalha proveniente da desintegração da divindade no próprio ato da criação. A criação grega é, portanto, uma descida: quanto mais criações (ou criaturas), menos há de criação (ou criadores). A multiplicidade, desta forma, gera apenas o nada. A salvação está, pois,